

## Morte e Vida: a presença do código simbólico barthesiano no jornalismo narrativo<sup>1</sup>

Daniela Penço Fernandez<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

Este trabalho propõe uma aproximação teórica entre a visão narratológica do código simbólico, teorizado por Roland Barthes, e o episódio “Morte e Vida” (2024), do podcast narrativo “Rádio Novelo Apresenta”. O seguinte texto busca, então, esclarecer que tal código representa uma peça-chave para o impulsionamento da imersividade em qualquer narrativa — seja ela audiovisual, oral ou textual. A partir de um levantamento de trechos narrados em “Morte e Vida”, será mostrado, portanto, que o uso do simbólico barthesiano se torna elementar para a delimitação de novas possibilidades de criação de um jornalismo imersivo e capaz de entrecruzar informatividade e narratividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa; Código simbólico; Jornalismo Narrativo; Podcast; Roland Barthes

### INTRODUÇÃO

A narrativa é uma fonte multifária de reprodução, possibilitada de ser sustentada por uma infinidade de formatos (oral, visual, textual e outros). Além da sua característica multiforme, confere-se a ela a capacidade de atravessar quaisquer espaços, temporalidades e sociedades (Barthes, 2011).

Como exemplo de produção de narrações oralmente tecidas, tem-se os podcasts narrativos, nos quais a técnica do *storytelling* (cuja função principal é focalizar a atenção do ouvinte na história a ser contada e, assim, tentar aproximá-lo do orador) e o uso de uma estruturação propriamente narrativa são elementos marcantes.

Ao adentrar o campo da podosfera, na contemporaneidade, é possível deparar-se com certos podcasts que trabalham com a junção da narratividade ao compromisso jornalístico de apuração profunda das informações a serem abordadas. Neste trabalho vamos nos concentrar, em especial, a um dos produtos advindos dessa mescla: o *podcasting* atrelado ao jornalismo narrativo (Viana, 2023). Esse teor narrativo-jornalístico é facilmente detectável no podcast *Rádio Novelo Apresenta* (2022), uma vez

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Podcasting e jornalismo: gêneros, formatos e narrativas em transformação, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da FCS/UERJ. Contato: fernandez.daniela@graduacao.uerj.br

que ele se caracteriza por apresentar, em seus episódios, tanto uma identidade literária, instituída por elementos que o aproximam de uma narrativa, quanto um compromisso com a veracidade das histórias narradas.

Nos estudos narratológicos do semiólogo Roland Barthes, a narrativa, sob uma visão pós-estruturalista da linguística, passa a ser entendida como um tecido no qual suas linhas se entrelaçam de forma a construir redes múltiplas de sentidos (Cassadei, 2012). Dessa forma, Barthes tenta encarar uma nova forma de estruturação para a narrativa. A produção de tal estruturamento é, então, feita através do estabelecimento de cinco códigos narrativos (também chamados de *vozes* narrativas): o código proairético; o código cultural; o código semântico; o código hermenêutico e o código simbólico.

Sob essa lente semiológica barthesiana, o presente trabalho propõe, portanto, evidenciar a presença especificamente do código simbólico (a *Voz do Símbolo*) nas narrações das histórias contidas no episódio “Morte e Vida”, do podcast *Rádio Novelo Apresenta*. Um elemento que contribui fortemente para a construção da imersão tão peculiar a este formato midiático.

## O CÓDIGO SIMBÓLICO

O código simbólico, para Barthes, funciona como um dos dispositivos basilares para a tessitura da narrativa. Os símbolos, contudo, operam de maneira independente aos outros quatro códigos. Tal independência também é condicionada ao restante desses codificadores narrativos, ou seja, cada um dos cinco contribuem à tessitura do texto de modo único. Essa autonomia conferida a eles é esclarecida por Cassadei: “Todos os códigos apontados por Barthes (1992) são portadores de virtualidades que se materializam em textos específicos, inaugurando, cada um deles, um campo de significações. É interessante notar, contudo, que estes códigos não estão postos, necessariamente, em uma relação estruturada. É neste sentido que cada um deles funda um plural da narrativa” (2012, p. 11).

Após a compreensão de que o código simbólico se porta de forma autônoma ao restante dos outros codificadores, resta compreender como ele contribui para a profundidade de uma narração. Ainda sob as contribuições de Cassadei: “O código simbólico, por sua vez, diz respeito às operações de recorte que a narrativa opera para inaugurar as possibilidades dos espaços de substituições e as variações no narrado.” (2012, p. 10)

No caso do objeto a ser aqui estudado, o episódio “Morte e Vida” (2024) do podcast *Rádio Novelo Apresenta*, essas “operações de recorte” são viabilizadas pelo caráter antitético da linguagem, isto é, a antítese serve como pilar basal para a estruturação simbólica das duas histórias narradas ao longo do episódio. Como explica Cassadei: “Dentro de certas narrativas, por exemplo, todo o narrado é organizado sob a forma de antíteses, constituindo-as como uma grande forma simbólica que se conjugará mais tarde em um determinado nome ou ação.” (2012, p. 10)

Logo, conclui-se que a antítese é uma das figurações linguísticas que podem estruturar simbolicamente uma narrativa. Entretanto, o que classifica o estabelecimento definitivo dessa configuração antitética em uma narração, para Barthes (2002), é a mistura dos significantes que foram diametralmente opostos no narrado. Por “mistura”, entende-se que um significante terceiro adentra a equação: nos escritos de “S/Z” (2002), Barthes exemplifica isso ao alcinhar esse produto da junção de dois antagônicos de *excesso*. É nesse quesito que a profundidade semântica de uma narrativa ganha espaço, uma vez que esse *excesso* simbólico permite que mais significados permutem entre o tecido narrativo e, assim, algo possa ser verdadeiramente narrado: “É através desse *excesso* que entra no discurso, após a retórica tê-lo devidamente saturado, que algo pode ser contado e a narrativa começar” (Barthes, 2002, p. 28, tradução própria).<sup>3</sup>

## O EPISÓDIO “MORTE E VIDA”

O episódio “Morte e Vida” (2024) é constituído em duas histórias. A primeira é baseada no relato de Vitória Maria Matos, uma menina que sofre com as consequências psicológicas de uma forte negligência paterna, já que seu próprio pai não a registrou devidamente em nenhum cartório. Quanto à segunda narração, o ouvinte é familiarizado com a trajetória da ativista política transexual Neon Cunha, que enfrentou as mazelas da transfobia no Estado de São Paulo e batalhou pelo direito às alterações de seu gênero e nome no registro civil.

É notório que ambas as histórias usufruem do simbólico barthesiano a partir da construção de uma antítese pivotal, baseada na antagonização entre as ideias de “morte” e “vida”. Na tentativa de aproximar essas duas narrativas à teoria semiológica barthesiana,

---

<sup>3</sup> No original: “It is by way of this excess which enters the discourse after rhetoric has properly saturated it that something can be told and the narrative begin”.

pode-se interpretar como *excesso* simbólico proveniente dessa antítese a manifestação do signo “identidade”. Essa interpretação se comprova plausível no seguinte trecho, oralizado ainda na introdução do episódio, pela apresentadora Branca Vianna: “Duas histórias sobre pessoas tendo que matar para viver”. No contexto narrativo que permeia ambas as narrações de “Morte e Vida”, a expressão “matar para viver”, construída por significantes antitéticos, significa lutar pelo direito de reconhecimento identitário, ao qual as vozes protagonistas de ambos os enredos precisaram, de forma simbólica, “matar” para conquistá-lo.

Referente à primeira história, nota-se que ela é narrada por somente uma voz, a da escritora Vitória Maria Matos, que também é a personagem principal da narrativa. Dentro dessa monologia, a narração vai se tecendo simbolicamente a partir da constante dicotomização entre os significantes. Ao longo do monólogo de Vitória, percebe-se que a narrativa vocalizada não trabalha somente com a contraposição entre “morte” e “vida”. O usufruto do código simbólico se dá também por outras relações de oposição, como o par “ausência” e “presença”, enunciado em: “[...] sobre a presença dele na minha vida... Sobre a ausência dele na minha vida.” Aqui, o *excesso* dessa antítese é representado na figura do pai da narradora, o qual ela “matou” simbolicamente.

Quanto à segunda parte do episódio, sua estrutura se assemelha mais a uma narrativa jornalística, uma vez que ela mescla elementos presentes em reportagens e inclui uma entrevista. Como uma espécie de repórter-narradora, a narração é feita por Dani Avelar, ao passo que a personagem central da história a ser narrada por Avelar seria a própria entrevistada do episódio: a ativista Neon Cunha.

Da mesma maneira que a primeira história, a segunda também constrói um simbolismo barthesiano por meio do jogo antitético de ideias. Entretanto, a morte simbólica a ser feita pela protagonista não é referente a nenhuma figura paterna, mas sim a si própria, o que é esclarecido no seguinte trecho: “Para continuar vivendo, a Neon decidiu colocar em jogo a própria vida”. Logo, a noção identitária é mais uma vez colocada em significância no episódio. Contudo, referente à trajetória de Neon, ela recorre à morte assistida como tentativa de protesto, uma vez que, como mulher transexual, seu objetivo era lutar contra o fato de que para alteração de nome e gênero, no registro civil, era necessária a apresentação de laudo médico. No ano de 2018, isso foi judicialmente alterado (Provimento nº 73/2018 - CNJ) e a despatologização da identidade de pessoas trans foi alcançada.

A atuação do código simbólico barthesiano, portanto, constitui-se como uma marca crucial para a profundidade narrativa das histórias de “Morte e Vida”. Esse simbolismo, criado com o apoio de uma estruturação narrativamente pautada na antítese de ideias, pode ser compreendido, então, como um elemento narrativo-estrutural que fortalece a imersividade do ouvinte no jornalismo em mídia sonora. Como elucidado por Luana Viana (2023, p. 217): “Além da experiência imersiva amplificada pela tecnologia, como o uso desses espaços virtuais, percebe-se que *podcasts* amparados no jornalismo narrativo lançam mão de estratégias imersivas fundamentadas na própria estrutura narrativa”. Logo, a utilização do código proposto por Barthes (2002), pode ser interpretada como uma dessas estratégias imersivas que visa a humanização do jornalismo praticado, visto que tal código pode transpassar um arcabouço de temas e histórias extremamente subjetivos, como as concepções de morte e de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a demonstração do uso do código simbólico nas narrativas que compõem o episódio “Morte e Vida”, do podcast narrativo Rádio Novelo Apresenta, fica clara a importância da teoria narratológica de Roland Barthes para a edificação de uma prática jornalística que se afaste dos rigores engendrados pelo jornalismo noticioso, o qual se caracteriza por apresentar uma roupagem mais laboratorial e objetiva da linguagem.

Ademais, a relevância da análise estrutural da narrativa sob as lentes barthesianas reside na questão de que ela pode viabilizar a criação de produções jornalísticas imersivas e resistentes às volatilidades temporais da hiper informatização, tanto no formato oral quanto no escrito, que prezem por abordar simbolismos comuns à esfera da subjetividade humana. O presente trabalho se especializou, contudo, em indicar como esses estudos acerca dos códigos narrativos fornecem essa densidade subjetiva especificamente nos produtos jornalísticos da podosfera, nos quais as narrativas são formalizadas oralmente.

Além disso, ao aproximar as contribuições teóricas de Barthes a essas mídias sonoras, evidencia-se o quão frutífera a compreensão da semiótica da comunicação pode ser para a elaboração de uma ponte sólida entre a narratividade e a informatividade. Por conseguinte, essa reflexão de caráter semiótico acerca da comunicação em *podcasting*, ajuda a delinear analiticamente o que estrutura uma boa narrativa jornalística, posto que, nas palavras de Gonzaga Motta (2013, p. 99): “a análise da narrativa jornalística é um

meio caminho entre a análise da narrativa literária (ficcional) e a análise da narrativa histórica (fática), integrando elementos dessas duas vertentes em uma síntese narrativa nova e singular, que precisa dar conta da complexidade semiótica da comunicação jornalística”.

Conclui-se, por fim, que a inserção dos códigos narrativos, em especial o código simbólico, percorrido por Barthes em sua fase pós-estruturalista da linguagem, é um recurso narrativo extremamente essencial para a manifestação de uma comunicação mais simbólica e significativa. Espera-se, portanto, que o jornalismo narrativo presente na pódosfera brasileira continue construindo narratividade ao informar seus respectivos públicos-alvo, estabelecendo uma via comunicativa que seja conduzida não somente pelo informante/repórter/narrador, mas também pelo ouvinte. E, assim, fazer com que ocorra uma submersão profunda e efetiva do mesmo na história a ser contada.

Como defendido por Barthes (2002, p. 4): “O objetivo do trabalho literário (da literatura como trabalho) é fazer com que o leitor não seja mais um consumidor, mas um produtor do texto”<sup>4</sup>. Tal constatação pode ser facilmente transposta ao cenário das narrativas orais, permitindo que concebemos o ouvinte como um artesão da tecelagem da narração junto ao próprio orador dela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011. \_\_\_\_\_ . **S/Z**. Reino Unido: Blackwell Publishing Ltd, 2002.

CASSADEI, Eliza Bacheга. **As diferentes noções de código narrativo na obra de Roland Barthes: as translações de sentido em um conceito**. Estudos Semióticos. v.8, n. 1. Pags. 66-79. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/49366>. Acesso em 27 nov. 2024.

MORTE e Vida. Rádio Novelo Apresenta, 27 jun. 2024. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1ZeB6nmX4N6wLZp3af2Lqi> Acesso em: 23/11/2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

VIANA, Luana. **Jornalismo Narrativo em Podcast: Dramaturgia, Imersão, Voz Autoral**. Florianópolis: Insular, 2023.

---

<sup>4</sup> No original: “The goal of literary work (of literature as work) is to make the reader no longer a consumer, but a producer of the text”.